

# MUDE PARA MUDAR

PROFESSOR DE DESIGN PARA **SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO SOCIAL**, O ARGENTINO RADICADO NO BRASIL **CHRISTIAN ULLMANN** DESMITIFICA A ECONOMIA CIRCULAR, **QUESTIONA** A FORMAÇÃO DOS DESIGNERS E OS **PROVOCA** A REPENSAREM SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DE UM **MUNDO MAIS VERDE**

TEXTO WINNIE BASTIAN FOTO WESLEY DIEGO EMES

**“HOMEM, BRANCO, HÉTERO, RACISTA EM DESCONSTRUÇÃO. INSUSTENTÁVEL.** Microrrevolucionário. Crítico elíptico. *Maker* pré-digital.” A maneira como Christian Ullmann se define em seu LinkedIn dá uma ideia de sua personalidade. Inquieto e provocador, tem se dedicado ao design socioambiental desde 1996 e atualmente leciona no Instituto Europeo di Design (IED Brasil), onde também é coordenador do Centro de Inovação, além de atuar em sociedade com Tania de Paula no escritório iT Projetos. Nesta entrevista, ele fala sobre o papel do design e dos profissionais da área na busca pela sustentabilidade. “As coisas têm de mudar, e nós estamos no meio disso. A Ellen MacArthur Foundation escolheu os designers como agentes de mudanças, ao lado dos gestores públicos”, ressalta.

**O que é sustentabilidade para você?** Uma vontade, um objetivo a alcançar como designer e minha maior motivação para acordar todos os dias. Há 4 bilhões de anos a natureza evolui e otimiza seu modelo. E nós negamos essa referência e fazemos tudo errado, inclusive colaborando com a sua destruição.

**Como vê a relação entre design e sustentabilidade hoje?** Ela já acontece, porém não estamos olhando para o que é necessário. Por exemplo: em Heliópolis [*comunidade na zona sul de São Paulo*] há uma gestão da pandemia da Covid-19 bem melhor do que em muitos bairros nobres da cidade. Aí tem design estratégico, tem projeto, tem construção de alternativas. Com muito pouco, eles conseguem olhar para a comunidade, entender suas diferenças, se comunicar, construir

pontes e resolver. E nós? Sequer conhecemos o vizinho. Organizamos nosso dia a dia e nossa vida de um ponto de vista individual, não coletivo. Ampliando a escala, as empresas pensam no seu negócio e não consideram os possíveis impactos ambientais e sociais negativos. Por vezes nos comparamos com as realizações da Europa. Esta comparação está correta? É justa? Ah, eles reciclam 70% das embalagens e nós, apenas 5%. Mas nosso problema vai além de investir em tecnologia de reciclagem. Não há sentido em levar insumos daqui para a China e lá produzir uma garrafa de água que será enchida na França e exportada para o Brasil. Desta lógica não se fala.

**É aí que entra a economia circular?** Sim, mas tem de ficar claro que a economia circular não existe: assim como a sustentabilidade, ela é um desejo – à exceção, a meu ver, da produção agroflorestal, que de forma orgânica e cíclica aproveita todo recurso natural disponível. A Ellen MacArthur Foundation, formuladora desse conceito, se descreve como instituição que promove a aceleração da transição da economia linear para a circular. Ainda não chegamos lá. Em tese, a economia circular segue três princípios: eliminar o conceito de lixo, manter os materiais no ciclo produtivo, regenerar o ecossistema natural. Quem faz isso? Ninguém. Cadê a eliminação do lixo? Não basta reduzir 10%. E o ciclo contínuo do material? Há 40 anos, as garrafas de cerveja retornáveis funcionavam bem porque eram todas iguais e tinham um custo, que era restituído quando se devolvia o casco. Agora, cada marca adota um modelo. Estamos agindo errado há quanto tempo? Uma hora vem a conta.

**Você mencionou o fato de nos comparamos com a Europa. Como pensar soluções alternativas deste lado do mundo?** Estamos atrasados em algumas coisas e não valorizamos os casos em que poderíamos reivindicar um pouco de vanguarda. Um exemplo: devido à realidade socioeconômica, projetos com design social do Brasil sempre foram referência. No início dos anos 2000, Tania, eu e tantos outros colegas viajamos pelo país para trabalhar com comunidades. Isso tornou-se senso comum, mas, na época, a academia não aceitava e o mercado só recebia bem se o produto parecesse industrializado. Muitas vezes é preciso romper com esses padrões de perfeição. Quando estudei desenho industrial em Buenos Aires, a nota se baseava na precisão. Já morando em Brasília, visitei um marceneiro que executava uma cadeira para mim e, de cara, vi que os pés estavam todos diferentes, cada um

com uma altura. Discuti com ele, mas me diga: que piso de sala no Brasil é nivelado o suficiente para exigir quatro pés iguais? Precisamos adotar uma visão sistêmica, levando em conta três esferas concêntricas: do indivíduo, do negócio e do planeta. Quando penso no meu umbigo, cobro exatidão do marceneiro; quando penso no negócio, aceito uma variável do mercado; mas quando conecto com o ecossistema, entram em jogo questões sociais, ambientais e de desenvolvimento local. O rigor europeu não se aplica aqui, e, se consideramos os processos produtivos industriais disponíveis, a precisão gera muito descarte.

**Como você percebe a indústria nesse contexto?** Novamente, há três pontos de vista: o individual, o do negócio e o do ecossistema. No livro *Design for the Real World [Design para o Mundo Real, em tradução livre, Editora Thames & Hudson, 394 págs.]*, Victor Papanek já abordava essa questão em 1971. Na introdução, o arquiteto e designer Richard Buckminster Fuller conta que, em algum lugar dos Estados Unidos, observava vagões de trem entrando numa fábrica de aviões com centenas de chapas de alumínio e outros tantos saindo com elas sem o miolo. Isso porque a indústria utilizava apenas o núcleo, parte mais homogênea e com a melhor distribuição de cargas. Ele já se preocupava com o aproveitamento de material. Em sala de aula, questiono alunas e alunos: muito bem, você criou essa peça, agora pense na relação entre a matéria-prima original e o produto pronto. O rendimento nunca alcança 50%. Esta pergunta os obriga a imaginar novas estratégias.

**Qual o papel das escolas de design nesse caminho?** O mundo acadêmico sempre tratou com carinho o tema do respeito ambiental. Mas a forma de ensinar também deve mudar para que cheguemos a um lugar diferente. Nós, designers, sabemos lidar com máquinas, não com pessoas. Nossa formação é técnica, não humanista. Sempre pergunto a alunas e alunos: qual a primeira coisa que precisamos fazer antes de criar uma cadeira de madeira? A resposta é plantar uma árvore – se você não planta, não tem matéria-prima e não tem cadeira. Eles ficam pasmos: como assim? Tenho que me preocupar com isso? Sim, alguém deve se preocupar.

**Como você avalia a questão do ciclo de vida dos produtos? Como melhorar?** Importa pensar na segunda vida deles, depois do descarte, e, se possível, na terceira, quarta e

quinta vidas. Um exemplo bom, fabricado por uma empresa brasileira, é a Muzzicycles, única bicicleta do mundo cujo quadro emprega 100% de plástico reciclado. Outra iniciativa muito bem-sucedida nisso, a holandesa Precious Plastic, propõe soluções para lidar com o lixo plástico por meio da reciclagem. Eles desenvolveram maquinário e passaram a fornecer ferramentas e a ensinar técnicas para que as pessoas iniciem um negócio e ganhem dinheiro reciclando e transformando a matéria-prima gerada em produtos, além de disponibilizar pontos de coleta, espaços de trabalho equipados e plataformas virtuais.

**Como parar de repetir o que não está funcionando?** A mídia e o público em geral podem expandir seu olhar, abrir um novo espaço para esse design, que normalmente não dá

unisse empreendedorismo e design circular. Eles atendiam a Enel [distribuidora de energia elétrica de São Paulo e mais três estados] e recolhiam todos os postes que ela trocava na capital paulista. No mix de materiais dos postes, existem as cruzetas [caibros de madeira de 2 m de comprimento por 10 x 10 cm] e a empresa mantinha 50 mil delas em um galpão. Assim surgiu o LAB MOB, uma ação com alunas, alunos, ex-alunos e profissionais para desenhar mobiliário com esse material. O problema é que todos acabavam raciocinando a partir de processos convencionais e gerando resíduo. Decidi, então, trabalhar em uma alternativa mais sustentável e circular possível desde a fase de planejamento, e surgiu o banco Pino: 100% upcycling e zero waste. Isso quer dizer que não comprei matéria-prima nenhuma, todas as peças usadas pertencem ao sistema do poste – cruzetas,

**“PERGUNTO AOS ALUNOS: QUAL A PRIMEIRA COISA QUE PRECISAMOS FAZER ANTES DE CRIAR UMA CADEIRA DE MADEIRA? A RESPOSTA É PLANTAR UMA ÁRVORE. ELES FICAM PASMOS: EU TENHO QUE ME PREOCUPAR COM ISSO? SIM, ALGUÉM DEVE SE PREOCUPAR”**



Da esq. para a dir., bicicleta da Muzzicycles, cujo quadro é 100% de plástico reciclado; cadeira do projeto Precious Plastic, feita com resíduos plásticos domésticos reciclados em máquinas de fácil acesso; e banco Pino, de Christian Ullmann, montado somente com materiais provenientes de postes de iluminação

capa de revista, mas vem ganhando escala e novos mercados. E ainda é bom, melhora, ajuda, constrói e questiona. Por que não tirar proveito disso?

**Qual sua opinião sobre o conceito de lixo zero?** Acho muitíssimo importante e urgente. Tanto que o What Design Can Do [organização internacional que defende o design e a criatividade como instrumentos para promover mudanças sociais] e a Ikea Foundation estão promovendo o No Waste Challenge, e convocam designers do mundo todo a propor soluções inovadoras que reduzam o lixo [as inscrições para o programa vão até 20 de abril]. Mas zerar de fato o resíduo na fabricação de um produto ainda é um desafio. Dois anos atrás, a empresa YVY Reciclagem procurou o CRIED [Centro de Inovação IED Brasil] buscando um projeto que

parafusos, barras rosqueadas, argolas e porcas quadradas, até os mesmos furos que já existiam nelas. Essa iniciativa e interesses comuns me aproximaram da marcenaria compartilhada Fabriko e montamos uma collab: Fernando Iasz Marcenaria, Fabriko e eu criamos e produzimos enquanto o Refúgio Design, um marketplace de jovens designers, comercializa. Nossa estreia se deu com um móvel para home office cuja matéria-prima é o descarte da marcenaria. O que aprendemos com isso? Que para fazer este tipo de design não podemos olhar só para o nosso umbigo, precisamos inventar ecossistemas com novos modelos de negócios. Costumo dizer: mude para mudar. Uma frase simples, mas ao lê-la duas ou três vezes percebemos a dificuldade de modificar nosso comportamento para que as coisas realmente se transformem. ●